

A resistência das comunidades tradicionais de Campos Lindos em seus territórios



PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL

SERRA DO CENTRO
E MIRANTE



PROJETO
**CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

Fascículo Nº 5 Setembro 2018

**A RESISTÊNCIA DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE
CAMPOS LINDOS EM SEUS TERRITÓRIOS: SERRA DO
CENTRO E MIRANTE**

Projeto

Conflitos sociais e desenvolvimento no Brasil Central

Coordenação Geral do Projeto
**Conflitos Sociais e Desenvolvimento
Sustentável no Brasil Central**

Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA)
Jurandir Santos de Novaes (UFPA)
Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB)
Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI)
Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEA/UEMA)

EQUIPE DE PESQUISA

Paulo Rogerio Gonçalves (APA-TO)
Sívio Isopo Porto
Pedro Antônio Ribeiro (CPT)
Rafael Oliveira (CPT)

EDIÇÃO

Paulo Rogerio Gonçalves (APA-TO)

TRANSCRIÇÃO DE ÁUDIO

Luana Alves Patrício
Noelma Martins de Albuquerque
Jacqueline Alves Santana

CARTOGRAFIA E MAPAS

Alcindo Alves Patrício Castro
(APA-TO)

PROJETO GRÁFICO

Philipe Teixeira

FOTOS

Sívio Isopo Porto
Paulo Rogerio Gonçalves (APA-TO)

**DIRETORIA DO SINDICATO DE TRABALHADORES E
TRABALHADORAS RURAIS DE CAMPOS LINDOS**

João Ramos dos Reis

presidente

Raimundo Marcelo Lima

vice-presidente

Paulo Sérgio Bezerra Ramos

secretário de finanças e administração

Felix Ribeiro dos Reis

secretário de políticas agrícolas

Juscilina Lopes da Silva

secretária de políticas sociais



Dinamar Freitas de Sousa
secretária de formação e organização sindical
Maria Edith de Sousa Vieira
secretária de mulheres trabalhadores rurais

Clebson Ribeiro de Sousa
secretário de jovens trabalhadores rurais
José Xavier de Sousa
**secretário de trabalhadores e trabalhadoras rurais da
3ª idade**
Bartolomeu Brito Medeiros
secretário de políticas agrárias
Josimar de Araújo Vieira
secretário do meio ambiente

CONSELHO FISCAL

Betânia Bira Barbosa
Edimundo Pereira de Sousa
Neli Dias dos Santos

Ficha Catalográfica

C328

A resistência das comunidades tradicionais de Campos Lindos em seus territórios: Serra do Centro e Mirante / Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil central – N. 05 (Ago. 2018) / Coordenação da pesquisa: Paulo Rogério Gonçalves et al. – Manaus: UEA Edições / PNCSA, 2018.

Irregular.

Coordenação Geral do Projeto: Helciane de Fátima Abreu Araújo (UEMA); Jurandir Santos de Novaes (UFPA); Franklin Plessmann de Carvalho (UFRB); Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Carmen Lúcia Silva Lima (UFPI).

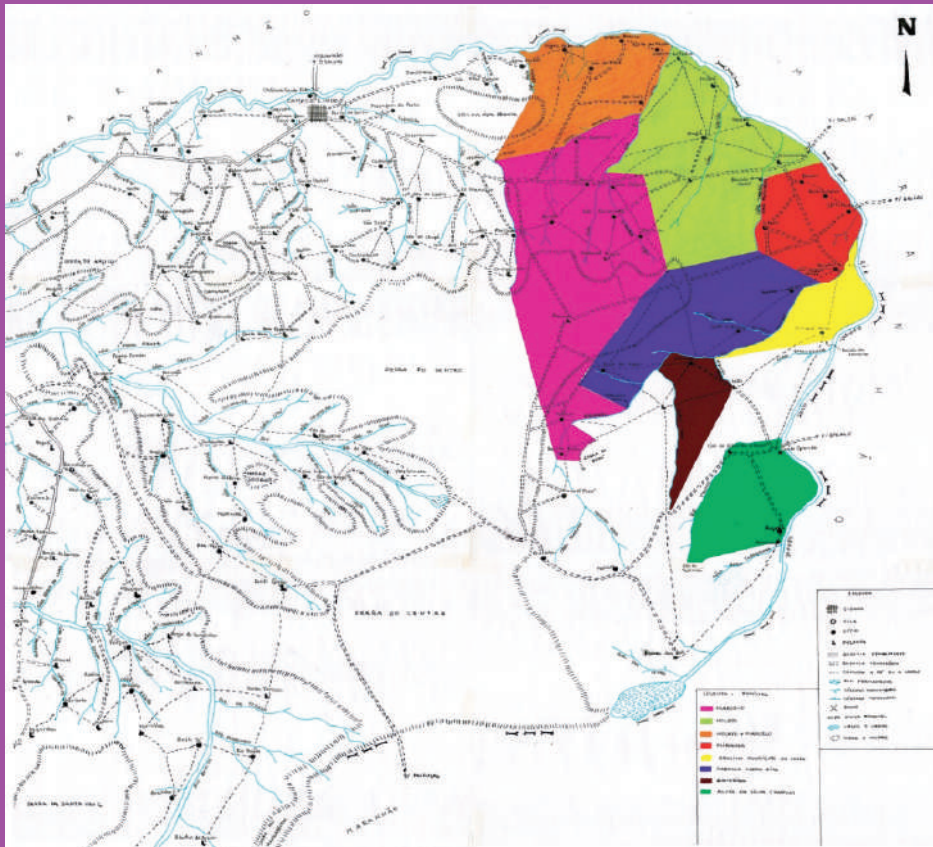
ISBN: 978-85-7883-487-6

1. Conflitos sociais. 2. Territorialidades. 3. Comunidades tradicionais. I. Título. II. Gonçalves, Paulo Rogério.

CDU: 528.9:39

(Bibliotecária Responsável: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

A RESISTÊNCIA DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DE CAMPOS LINDOS EM SEUS TERRITÓRIOS: SERRA DO CENTRO E MIRANTE



Mapa das comunidades tradicionais de Campos Lindos - SUCAN década de 80

O município de Campos Lindos, no Estado do Tocantins, possui um grande número de comunidades tradicionais ocupando toda a área do município. Praticam o extrativismo, agricultura de base tradicional e criação de gado na solta.

Os territórios tradicionais de todas as comunidades tradicionais de Campos Lindos, vem sendo invadidos por grileiros e sojicultores, com forte apoio do Governo do Estado do Tocantins.

Oficinas, reuniões, visitas e um intenso diálogo com as comunidades da Serra do Centro e do Mirante, o Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do Município de Campos Lindos/STTR de Campos Lindos, a associação Alternativas para Pequena Agricultura no Tocantins/APA-TO e com a Comissão Pastoral da Terra/CPT, que vem acompanhando os conflitos das comunidades há muitos anos, possibilitaram a elaboração deste fascículo que conta um pouco desta história de luta e resistência destas duas comunidades.

COMUNIDADES TRADICIONAIS DO MUNICÍPIO DE CAMPOS LINDOS

“ Eu lembro dos Marcelo, que tinha aquelas pessoas dos Marcelo, tinha aquelas pessoas dos Noletto, tinha as pessoas aqui dos Miranda, dos Orozino, e dos Caboclos, é era esses que era os mais próximos, tão próximo que a família terminou se misturando e casando. Diferente desse território dos Silva, é a região da Raposa, sei que pelo fato da distância são culturas diferentes, porque lá não tem a cultura da pecuária, como era mais pra cá, é mais agricultura. O plantio de mandioca, a fruticultura, essas outras coisas são pessoas que vieram mais do Maranhão, como aqui também tem. Mas aqui tá bem na divisa do estado, dos gerais de Balsas, então tem outras culturas mais diversificada, diferente um pouco dessa aqui, e são mais novos, lá começou na década de setenta. Aqui tem trezentos anos, a região dos nossos bisavôs, que começaram a amansar isso aqui. Alguns veio do Maranhão, os primeiros veio do Maranhão, mais maranhense mesmo, tinha um pouco mais do nordeste, alguns mais aproximado da região do nordeste do Piauí, é os Orozino era do Piauí”.

João Bandeira



Seu Jose Marcelo Brito e dona Josefa Dias Barbosa

“ Aqui eu nasci e me criei, aqui bem aqui, nessa casa aqui, e meus pais moravam aqui de roda. Moravam aqui nessa casa aqui, bem aqui, e aí eles falavam assim, que os antigos falavam, que essa terra pegava da Taboca, Bugí, pro rio, sempre eles me falavam isso. Os meus bisavôs era nascido e criado, mesmo a parte de minha mãe era Marcelo, era aqui no São Luís, aqui na cabeceira desse ribeirão dali, moravam mesmo aqui, foram nascido e criado aqui mesmo. O mais antigo mesmo, eles não era daqui, agora eu não conheço, vi falar que era um senhor João Marcelo”.

José Marcelo Brito



Fogão de lenha

“ Eu nasci e me criei aqui nessa região, aqui bem mesmo nessa casa tá um filho meu, que ele que morava aqui, ele morava mais os avôs, e os avôs morreram e os outros saíram e ele ficou aqui. E aí eu vim pra qui, pra onde ele tá, mas eu toda vida aqui, rodeando aqui toda vida. Nasci bem aqui, ali em baixo, num lugar chamado São Raimundo, que fica aqui perto. Aí eu fiquei aqui toda vida, eu tô com a idade de setenta e três, mas toda vida aqui, morando aqui nessa região. Nunca saí pra longe, pra ir morar longe, meus pais morava aqui, meus avôs também morava aqui, já faleceram. Avôs eu não conheci, porque quando eu nasci tinha falecido os avôs tudim. E aí o pai e a mãe são daqui, o velho era do Maranhão, mais veio pra qui rapazinho novo, e casou, e ficou aqui, que a mulher dele era filha daqui, que é minha mãe, os pais dela, os avôs era daqui. É, minha mãe é daqui, nasceu se criou aqui, os pais dela, os avôs eram daqui mesmo. O avô dela era antigo, e toda vida falando, mostrando umas taperas que tinha aculá, alicerce dele que era de pai dele, que nos outros tempos o povo fazia o curral. As madeiras era de aroeira, eu ainda vi as madeiras

enfincadas, os moirão de aroeira lá no lugar, aqui era lugar véio, antigo lugar chamado São Luís, lugar onde tem um sobrinho meu que mora lá também. Esse povo antigo vivia era da roça mesmo, trabalhando e lutando, e pra ir na cidade era a coisa mais difícil que tinha, cidade aqui mais perto que tinha era no Balsa, e acho que no Goiatins.

Antônio Marcelo Brito

“ Quando eu me entendi por gente, meu pai falava que meu bisavô já nasceu dentro dessa área da Santa Catarina, então o bisavô nasceu nesta data, o meu pai nasceu também na área da Primavera, teve treze filhos e criou todos ali. Não criou todos treze, por que um morreu com seis anos e o outro com nove, mas criou onze filhos e nunca saiu dali. Toda a vida a gente morando ali, e aí uns foram casando e saindo, mas a minha mãe ficou até dois mil e doze, ela morreu com noventa e dois anos, no dia onze de novembro de dois mil e doze. Os filhos toda vida morou em redor, inclusive ainda tem três que mora lá, duas mulher e um homem. E eu sai por que, falaram que cada um tinha que sair e fazer sua propriedade, por que não dava para tirar todo mundo junto. Então eu mudei pra cá no dia doze de oitenta, e quando teve uma medida de tira terra, tiraram pra mim mais o meu marido, e os filhos não tiraram porque não eram casados.

Perolina Aquino Noletto



Dona Selma Marcelo Dias e seus filhos

“ Meu nome é Luzio Teles, o nome do meu avô se chamava Virgulino Miranda, e o pai do velho meu pai era Elpídeo Miranda. Aí ele entrou no Sítio em 32, era terra nacional, em trinta e dois ele já abriu uns foramentos de tirar uns talão em Araguatins, ele esteve em Araguatins nesse tempo era Porto do Sítio. Em novembro de cinquenta e nove ele faleceu, aí ficou no poder dos irmãos e da velha dele que era chamada de Eugenia, aí mexeu e virou e ela faleceu em junho de 66, aí tudo ficou no poder dos filhos. Essa terra era quatrocentos alqueires, que era do meu avô, ainda tem um talão, guardado da era de quarenta e sete. Com uns anos à frente uns foram entrando para um rumo e outros ficando aqui na região. Eu sai daqui no ano de setenta e dois, fui para a ilha do bananal, fui para o Pará e de lá fui para o Goiás. Retornei aqui em noventa e sete, passei trinta e pouco anos fora, meu pai já estava doente na época, ele faleceu no dia quatorze de julho em noventa e nove. Eu sai novamente antes dele falecer, em noventa e oito, só retornei em dois mil e quatro, ainda tem o pé de manga da onde era a tapera dele”.

Luzio Teles

“ Em mil novecentos e doze, nasceu o meu tio que era o mais velho da turma, e tinha minha tia que era de dezenove, e minha mãe que era de vinte e dois, eu sei contar só dessa data até aqui. A era que eles chegaram lá eu não sei, por que tenho cinquenta anos de idade, mas já nasci vendo taperas, lugares bem situado com muitos pés de manga já velhos. O povo dizia assim, que lá era dos meus bisavôs, dos meus tios, irmãos dos meus bisavós, eu sei conta daí pra cá. Por que conheci meu tio, chamado Pedro, conhecido como Pedro Fuboca, ele nasceu naquele lugar e se criou ali desde mil novecentos e doze, e nós também fomos criado alí. E tinha a família dele que morava em um lugar depois da Barraca, o nome do lugar era São Raimundo. Quando eu nasci também já se encontrava o avo do João, que era nosso vizinho, a gente se criou vendo eles lá em uma propriedade chamada Chinelo. E daí pra cá, a família veio só aumentando, pessoal dos Caboclo, dos Simplício, as pessoas dos Miranda, a Vereda Bonita que é dos Miranda, era do meu avô. Ninguém estudava, a primeira escola que vi em minha vida foi em mil novecentos e setenta, aqui na Lagoa Feia. Saíamos para estudar pela manhã e voltava para a casa. Saíamos daqui da Lagoa Feia para ir para o Gado Veíaco, os pais dos João, saíam do Chinelo para estudar aqui nessa escolinha da Lagoa Feia. Vinha e ficava na casa dos parentes, ficava na casa de um tio, de um conhecido, passava o ano todo assim, as vezes ia nos finais de semanas, ou de 15 em 15 dias na casa dos pais. Meu bisavô um senhor de Pedro, foi pego no mato

brabo, foi pego a troco de casco de cavalo mesmo, foi pego na carreira. Depois que ele foi pego passaram um ano com ele preso, dentro de casa, dando a comida, até ele amansar com as pessoas, depois, ele foi solto.



Dona Raimunda Barbosa de Oliveira e sua mãe, dona Alexandrina Dias Barbosa

“ Ele se casou e teve um filho, chamado Carlos, o que o povo chama de Carlos Caboclo. Ele foi pego em um lugar chamando Canto Bom, aqui tinha índio demais e com o pessoal chegando e se acentuando eles foram se afastando, ficando apenas no rio vermelho. Dizem que pelo tamanho dele ele era uma criança de cinco a sete anos de idade quando ele foi pego. Uns vaqueiros toparo em uma magote de índio, quando os índios correram, pequeninho não alcançou, ai os vaqueiros pegou e levou para a casa. Esse pessoal aqui do Noletto, que se chama João Banana disse que conheceu meu bisavô, chamado Pedro e meu avô chamado Carlos que morreu em 75. Eu não me lembro do meu avô e nem da minha avó. Pra eu dizer diretamente quem eram eles eu não sei, mas depois disso os índios que morava aqui foram se afastando, e os que vemos falar que existe são no rio vermelho. As pessoas

veteranas dizem que podem ser desses, que foram se afastando e agora estão lá. Eu não sei se ele casou com alguma indígena, mas acho que foi com outra pessoa. Minha mãe diz que quem pegou o avô dela foi Severino Noletto, ele se criou junto com os Noletos, e depois se casou, e foi morar nesse lugar chamado Gado Veiaco, vizinho da Primavera que é dos Noletto. No lugar onde nascemos só tem uns dois ou três moradores, tem um dos filhos do meu avô que é irmão da minha mãe que mora lá, ele nunca saiu de lá. Lá tem um acentuado de manga, macaúba, que dá para vocês analisar o tempo que tem que esse povo mora lá. Às vezes morava em um lugar, às vezes mudavam para outros, só tirávamos a casa do lugar e colocava em outro, bem pertinho. De palha de coco, e as paredes de barro, de taipa, era um índio diferente da aldeia. De roça de toco, manual, feito no machado e na enxada”.

Raimunda Barbosa de Oliveira



Antônio José Souza Lima numa cozinha tradicional

“ Quando esse povo chegou aqui, só existia índio, eles que amansaram essa área de terra, só sei contar a partir de mil novecentos e dezoito, que foi quando os mais novos da

irmandade nasceram. Daí para trás eu não sei contar, da época de bisavó, tataravó, eu não sei contar, eu sou de mil novecentos e vinte e o meu esposo também. Daí pra cá, só sei contar dificuldade, a vida do lavrador é de sofrimento. Eu tive onze filhos e criei todos os onze trabalhando na roça, trabalhando na juquira, sem ter ajuda de ninguém, nem de um prefeito ou de um deputado, sempre foi no cabo da enxada e no rabo de um machado, para derrubar roça. Criamos um monte de filho, e estamos dando graças a Deus por estamos vivos, com tanta felicidade.

Santina Queiroz Teixeira

“ Antes eram meus avos que moravam aqui. Naquele tempo eu era criança passava aqui com medo de índio, a mãe dizia que eles não mexiam com ninguém. Aqui era a ponta da uma aldeia, aqui na beira do rio vermelho, eles ainda moram aí, que são esses do Goiatins. Aí eles passavam aqui para visitar, mas era ponta de aldeia e eles não podiam mexer por que meus avos já estavam abarrancados aqui, tanto um como o outro. Isso já tem uns trezentos anos, por que eu já sou é tataraneto dessa área, meu pai é que é bisneto, e eu já tenho quarenta e oito anos. Nasci e me criei em cima da minha área, e o meu pai que tem noventa e oito anos, em cima dessa área também, o meu avô é sepultado em cima dessa área que eu nasci. Minha mãe veio de fora, mas se criou em cima dessa área, já o meu pai nasceu e se criou aqui, ele nunca vendeu e nem saiu de cima, a área era grande, mas ele foi tirando um pedaço para cada filho, nós éramos quatro filhos, então ele dividiu em quatro

pedaços. Graças a Deus a área que ele habitava ninguém tomou dele, ele cedeu para os filhos, aí ele ficou no meio e os filhos tudo em redor, igual uma panela no fogo e as trempizinhas. E ainda hoje estamos aqui, nunca saímos e nunca foi vendida, aqui nessa área que estou era de um tio meu que morava. Aí eu tinha uma condição pouquinho, e eu entrei com uma parte e o pai com outra, aí compramos, meu tio mudou daqui, mas era filho dessa terra também, o nome dele era Felipe, hoje ele mora no povoado, alí na Batavo, mas ele nasceu e se criou aqui. Aqui tem várias pessoas, que são meus tios, sobrinhos, eles moram nessas áreas aqui em redor, outros são filhos meus que moram na minha área. A minha área é uns trezentos e poucos hectares, depois eu comprei mais um pouquinho de um e de outro e já está em quinhentos e pouco, não chega nem seiscentos não. Quando eu cheguei aqui os moradores estavam morando perto de mim e queriam vender, aí eu comprei, eu morava mais o meu pai, aí mudei para cá, para essas redondezas e não tenho o encargo de sair”.

Valdir Queiroz Teixeira



Casas de adobe e palha



Capela de Nossa Senhora Aparecida

Extrativismo tradicional

“ Pequi, faveira, bacuri, pati, a região do Carrasco, tem várias plantas que já foram utilizadas pelas comunidades tradicionais. Principalmente o timbó, que era usado para fazer sabão, hoje não fazemos, mas porque já compramos prontos. Para essa área aqui, Carrasco e Cerrado, a utilização do fogo aqui ela tem mais de um sentido, utilizamos o fogo no momento adequado, na época certa, porque a queima reproduz o pasto agreste, que é utilizado para a criação, uma vez não usando o fogo, o capim vai diminuir, por que as arvores vão crescendo e abafando ele. E assim acaba deixando de existir capim, se não existir capim, logo não vai ter pasto. Se separamos uma área e deixamos dez anos sem queimar, observaremos que esse espaço vai acabar virando mata, acaba o pasto nativo. A queima para nós, não é considerada criminosa, ela aqui é utilizada em benefício à sustentação da criação. Ela precisa ser feita controlada, tem os meios certos e a época certa, se passarmos dois anos sem queimar o fogo vai ser grande e vai acabar queimando as arvores, mas se eu queimo na época certa, as arvores resistem.

Aqui temos aproximadamente três tipos de Agreste, e cada um é em um lugar diferente, no Carrasco é um tipo, já na Vereda é outro capim. No Cerrado colocamos o gado de novembro para frente, na parte alta, por que não podemos colocar o gado na parte baixa em período de chuva, por que essa parte alaga, e não tem pasto nesse período nessas partes baixas. Então no inverno colocamos o gado nas partes altas e no verão nas partes baixas, mas se não queimar não há reforma de pasto, então o fogo para nós é fundamental para a reforma do capim, que é utilizado para as criações. Se não queimar vira mata e deixa de existir o capim, a Vereda só permanece limpa se for queimada. As queimadas aqui são feitas na época certa, por exemplo, o Cerrado é queimado de agosto até setembro antes do dia quinze, porque após essa época não dá para controlar o fogo, já a Vereda você tem que queimar de junho a julho, caso contrário não sai um pasto sadio. O pequi o bacuri, antes tinha, antes usamos o timbó, para a fábrica do sabão, mas hoje não utilizamos não, usamos malmente o pequi e o bacuri hoje, mas sempre usamos só para consumo, por que também não tinha mercado. Sim enfraquece, porque é como se isso não tivesse utilidade, ficou como se o Carrasco ficou aqui para ser preservado. E não ficou esclarecido que nós usamos essa área para a criação e extração da produção nativa, como uma forma de sustento, não ficou esclarecido, que isso faz parte do nosso cardápio.



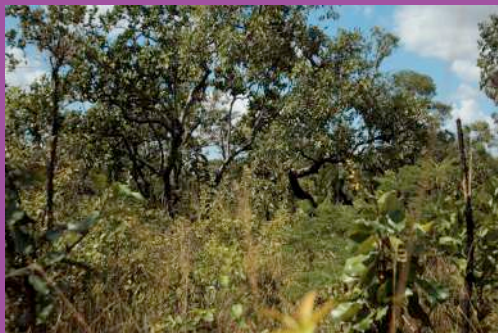
Bacaba

“ Temos o coco também que é utilizado para consumo, que é o coco piaçaba e o cunham, não temos o babaçu. Tiramos o óleo, mais para remédio. Aqui é cultural na semana santa, tirarmos o leite do coco para comer com abóbora ou batata, nos três dias da semana santa que não comemos carne. Acho que o azeite deveria ter sido pensado, porque tem muito coco na região. Mas eu não conheço ninguém que chegou a produzir. A palha é usada para a cobertura das casas. Usamos a madeira que vem da beira dos córregos, alguns já usam madeiras cerradas para ficar bem feita, mais bonita. Se você usa a madeira roliça, você acaba usando muitas árvores, e no caso do moto serra você com uma árvore já tem quase a madeira toda. Só para o teto e não para parede de tábuas, algum aqui tem feito, mas é raro. Usamos o camaçari, têm várias que usamos. Para fazer o caibro usa madeira do patí a cachamorra, a pindaíba de brejo, que é uma das melhores madeiras, a sucupira, que é encontrada aqui no Carrasco mesmo, e nas regiões que tem a taboca, eles usam a taboca para fazer a ripa. Já tem outros que fazem a ripa serrada, fica mais bonita, mais resistente e

diminui o corte de árvores. Tem que ser um barro específico. Um barro, mais de tabatinga, que tem liga, com barro arenoso já não dá para fazer, precisa ter argila. E a técnica de fazer o adobe, é uma técnica muito usada, e sempre é a mesma, é diferente de fazer o tijolo, por que o tijolo tem que ser assado e adobe não, e por isso tem que ser um barro resistente, caso contrário, na primeira chuva a parede cai. Aqui na região tem vários locais que dá para tirar o adobe, só que não é toda família que usa o adobe não, só aqueles mais espertos e mais esforçados, outros usa outras maneiras de tampar fazendo de taipas, e de outras formas. São maneiras diferentes que usamos, tem a taipa, as de tabuas, outras de madeiras roliças e o adobe. Não são em todas as Veredas que tem, mas de lá tiramos buritirana para o consumo, a palha para fazer vassoura, a madeira para utilizar em construção de casa e temos o buriti, que raramente tem, porque ele é da parte baixa de brejo, quando você encontra é bem mais próximo ao lago. Aqui para nós usamos o talo do buriti, para fazer porta, parede e caixão, quando falece alguém, é raro, mas ainda tem pessoas que se sente obrigadas a fazer de buriti ainda, dependendo da distância da cidade e não tem condições de ir buscar. Da fruta fazemos o azeite e o doce, a palha usamos para fazer paredes de casa, usamos também para tampar o teto, no lugar da palha da piaçaba, não tem a mesma durabilidade, mas dá para utilizar. Já a seda é muito difícil encontrar alguém que usa para fazer corda, mas antigamente era usada para fazer cabresto para os animais,

corda de laça e peias, porque a ceda é uma fibra forte, dava para fazer. Hoje não usamos porque usamos a fibra, também não fazemos artesanato com a ceda do buriti, não temos essa cultura, até que poderia ser utilizada. O murici está na parte baixa, na parte de varjão, e a cagaita está no alto, mas usamos em pequena escala, só para consumo, por que a produção é pouca, não é em todo lugar que dá. Já a bacaba tem nessas áreas beira rio, tem bastante, já a jussara tem em alguns lugares.

João Bandeira



Carrasco



Vereda

Roça tradicional e criação de gado na larga

“ Nós o agricultor familiar aqui, ele começa plantar final de novembro até janeiro, é o período de nós plantar. O máximo dois anos, bom se você trabalhar dois anos numa área, você abandona ela, e deixa ela recuperar, ela com cinco anos, até oito anos, já pode voltar nela de novo porque ela já se recuperou e produz da mesma forma que ela produziu anteriormente.

João Bandeira



Milho colhido



Quintal produtivo

“ Olha é o seguinte nós pegávamos aqui as margens da região do Sítio com as margens do Ribeirão Primavera, margem aqui do Córrego Santana e barra do Grotão até chegar aqui perto da Barraca, toda essa beira baixa do Rio Manuel Alves. São áreas de vereda, que é usado como refrigerador de todos os descendentes desse território, tanto dos Noletto quanto dos Miranda, Bandeira,

Marcelo, todos eles usavam essa parte aqui na beira do Rio Manuel Alves. É como a área de refrigero pra criação no tempo de verão, e era em conjunto, coletivo, nós não tínhamos área separada, você trazia sua vaca, seu boi, sua égua, cavalo todo mundo trazia pra cá. Não tinha cerca, a cerca era o respeito entre os cidadãos, você não tinha limite separado não, você ia ter seus limites em torno de tua propriedade onde todos os serviços eram cercados. Nós não cercava pasto, nós cercava a roça, pro gado não entrar, então o pasto não era cercado ele era livre. Quem definia o território do rebanho era o touro, cada criador tinha seus touros e cada rebanho era conduzido por ele. Era uma área coletiva, mas cada criador tinha o seu rebanho e cada rebanho tinha seus reprodutores, não era um reprodutor pra todos os territórios, um criador tinha dois, tinha três isso era relativo. O mais importante é que a partir do mês de junho até setembro, era usado essa parte aqui como refrigero de verão, toda parte baixa de vereda, terra de varjão que era pasto nativo. Ele era usado por esses proprietários antigos desse território, a partir de outubro, com o período seco, a partir do momento que começa a chover, todos esses rebanhos voltavam para o alto, porque se ficasse aqui ia ter prejuízo. É aquele negócio que nós chama erva, pelo fato de ser áreas baixas, quando começa a chover alaga, então adoce, não dá pra criar aqui de inverno. Subia tudo pro alto do Carrasco, alto da serra,

as queimadas eram controladas, e cada rebanho tinha o seu lugar de comer, quando você subia eles pra cá, cada rebanho tinha suas localidades pra eles ter o período de inverno. Em cima, no cerrado, carrasco, cerrado alto, a queimada é feita no período de agosto e setembro, nós usava aí a questão de luada, tem um período de luada que pra nós dá prejuízo, queimar fora de época dá prejuízo pro rebanho. Depois da lua cheia, aí uns oito dias é o período em que a gente usa queimar o pasto nativo, que aí ele não dá a praga e não dá a erva.

João Bandeira

“

A vaquejada juntava todo mundo, e se ajudava ali, eles faziam uns gado gordo, que quebrasse a perna, seja de quem fosse, cuidava dele, tratava pra fazer boião pra todo mundo.

Raimundo Luzia



Seu José Itamar Marcelos dos Santos

“ Uma das coisas que motivava a vaquejada era a ferra, porque vários deles tinha vaqueiro, é o período de fazer a partia pro seu vaqueiro. E fazer a vacina, naquela época era só o sal de garrafa e o benzocreol. Não tinha essa vacina que era exigida pelo estado hoje, você dava uma garrafa de sal dissolvido na goela de uma vaca, e ela tava vacinada o ano todo, não tinha nenhum problema, se ela não achasse nenhuma cobra pra picar ela, não ia ter prejuízo. Então a vaquejada era motivada pela partia do gado e pelo hábito de salinar, e ali era a diversão, todos os criador tinha seus lotes de cavalos de corrida, de esporte, e era usado como esporte não como judiação, era esporte dos criador.

Raimundo Marcelo



Casa de farinha e pilões

“ Criava, aqui todo mundo tinha sua moitinha de gado, e criava tudo solto aí na larga mesmo, ninguém mexia com os outros, gado comia tudo junto. E cada quem no dia que ia panhar,

ajuntava tudinho e panhava, e levava tudo pra casa dum, chegava lá dividia, e carregava os dele, e nós ficava com os nossos, era assim que nós labutava. Não tinha cercado nesse tempo, nem na porta mesmo pra você prender os animal, não tinha não era desse jeito. A época das vaquejadas se arriunia tudinho, campeava tudo junto, fazia o curral, prendia o gado tudo junto era, cada quem carregava os seus, e quem tinha mais deixava os de menos aqui, e ajudava os outros com os deles pra lá, a união nossa era a coisa mió do mundo nesse tempo. A união era o gado e nós mesmo que se arriunia, e era tudo unido, onde um queria um campo que o outro sozinho não tava dando conta, rapaz me ajuda aqui, a gente ia e ajudava. Roça fazia junto, tinha vez que nós fazia e outras vez não fazia, porque eles morava distante uns dos outros. A gente ia ou o outro vinha, ajudava a gente, era assim que a gente era. Da roça nós vendia arroz, farinha, só era difícil nesse tempo, porque aqui, daqui nós cansamos foi de tirar cinco quartas de arroz pilado bem daqui, pilava socado no pilão pra levar pra vender no Balsa, lá no Joaquim Coelho que ele comprava nesse tempo, o senhor de Joaquim Coelho. O Balsa era bem pequeno, nós levava daqui arroz, farinha, pra vender lá, pra pagar a conta que a gente comprava de ano em ano. Vendia o gado, bezerro, bezerrinho mesmo é difícil, porque naquele tempo não tinha negócio de recria de jeito nenhum, só

vendia garrotinho de cem quilo pra cima eles já carregava. Mais era as vacas, vendia também, carregava pra esses açougues pra lá.

José Marcelo Brito

pequi, tingui, pegava cozinhava, raspava, colocava na soda e fazia o sabão.

Raimunda Barbosa de Oliveira



Seu Raimundo Nonato de Souza Lira, Dona Izabel Barbosa da Conceição e a neta Isabela Barbosa Gomes



Cacho de bananeira em quintal produtivo

“ A gente vivia de roça, roça de toco, vivia de duas tarefas de roça, vivia da mandioca, de um pouquinho de arroz, era assim que nos vivia. Nunca fomos criador de gado não, às vezes tinha mais eram poucos. Caçar às vezes lá um dia, podia comer algumas caça, mas nem foi do meu conhecimento. Na minha lembrança a gente mesmo vivia muito era de porco, às vezes criava muito, era a gordura que usamos na cozinha, por que não tinha esse óleo de soja. O porco, a galinha, a mandioca, o arroz, a farinha, era assim que vivíamos. Era solto, não era em mangueirão não, era no mato mesmo. As vezes a gente ia à roça e pegava mandioca, e fazia uma casinha, quebrava a mandioca, e lá eles iam comer, e a gente prendia, passava uma noite preso e quando era pela manhã, soltavamos, e eles iam para o mato novamente. Sabão às vezes era da fruta, era do

“ As pessoas criavam o gado no campo, que não tinha impedimento nenhum, se tinha lugar que tinha moradores o nosso gado ia lá, e os deles viam pra cá, era assim, onde eu fui criada ainda tem os pés de manga do alicerce onde fui criada, eu fui criada na Santa Cruz. Nossas roças eram cercadas até o chão, para criar os porcos, carregávamos os paus tudo nas costas, carreguei muito varão e estaca, para poder cercar, para colher o alimento e continuar criando porcos. Plantávamos arroz, milho, mandioca, feijão, mudubim, cana, banana. Nos tinha para nós e para arrumar os que não tinham, e era na roça de toco. Eu tenho oito filhos, e netos nem sei dizer, já está perto dos cem, contando só com os vivos, já são sessenta e oito netos. Peguei duzentos e doze meninos, e desde dessa época só morreu dois.

“ São roças de toco, também, roças de pasto para criar vacas, por que eles todos tem vacas, para poder comer o leite. Todo ano eles mexem com roças de toco, todo eles, o alimento deles, eles não vão comprar na cidade não, eles tiram da roça. Eles têm o porco, à galinha, o trabalho deles é feito no braço. Eles trabalham juntos, por que o lugar deles é juntos, meus netos mesmo trabalha mais os pais, os pais deles tiram um pedaço para cada um, mas a área é uma sozinha, mas cada um tem seu pedaço, cada um trabalha na sua área.

Santina Queiroz Teixeira



Dona Santina Queiroz Teixeira

“ Brocamos a roça e depois derrubamos, e depois capinamos o mato que nasce, e depois vamos só plantar, milho, arroz, mandioca, depois é só cuidar. Aqui fazemos uma roça por ano, cada ano abrimos uma roça nova, roça de toco só dura um ano, para durar mais, teria que queimar e roçar novamente. Geralmente abandonamos para deixar crescer novamente, e fazemos outra, em lugar que estiver com o mato maior e esperamos aquela crescer o mato. Hoje umas quatro tarefas. Meu pai tem outra, e meus dois irmãos também, cada um têm a sua. Meus tios cada um tem a dele. São cinco, e cada um tem a sua roça e ainda tem a dos filhos. Sim tem muita roça, e tudo são de toco, não tem lavoura na chapada não, temos só roça no mato. Plantamos a mandioca para fazer a farinha e vender, para comprar as coisas na rua, por que não é tudo que produzimos aqui.

Abraão Alves Teixeira.



Curral tradicional da região do Mirante



Limpa de arroz

Conflitos territoriais

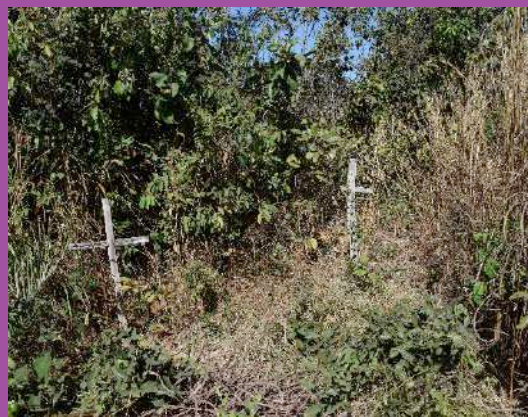
Serra do Centro

“ A região da serra do centro ela foi decretada pelo governo do estado, pelo Siqueira Campos, um decreto de desapropriação de cento e cinco mil hectares pra implantação do projeto. Todos nós aqui somos filhos de lá, agora existe uns que não tá mais morando lá, eu tô um pouco mais pra cá, um pouquinho, mas todos somos filhos daquela região. Então ali foi uma desapropriação pelo decreto do governo para implantar um projeto que desconsiderou toda aquela cultura, tradição, que ali já existia, desde o aproveitamento do cerrado, tanto pra criação de animais, como pra aproveitar os recursos naturais, desde a caça.

João Bandeira

“ Era uma relação cultural, e hoje não tem isso, porque quem tinha cento e cinquenta gado nessa região, hoje não tem nenhum pra fazer chá da rapa do chifre. Não tem mais, e os mais criador aqui era os Noletto, hoje até os curral eles desmancharam, onde tinha duzentos e tanto, trezentos gado hoje você chega lá e acha vinte, e a soja tá a trinta metro do terreiro deles. Lá onde era o maior pátio de vaquejada, que era aqui na primavera, hoje é uma das grandes fazendas de soja, e hoje a soja tá no terreiro, o cara não pode nem criar galinha.

Raimundo Marcelo



Cemitério no território invadido

“ Olha eu tenho quarenta e um anos e meu avô criou os filhos dele aí, na beira do ribeirão do centro. Se criaram ali o Raimundo, o bisavô do Raimundo que também era bisavô meu, criou seus filhos ali. Nós temos uma bisavó nossa a Antônia Lúcia, ela tem cento e oito anos, e os filhos e netos dela foi criado nessa região, uns do lado do Tocantins e outros do lado do Maranhão. Então não há invasão da comunidade, o projeto que invadiu nosso território, nós que sofremos a violência da invasão do projeto.

João Bandeira



Reunião no STTR de Campos Lindos

“ A gente diminuiu, não é que a gente deixou de produzir, muda os espaços, porque quando você usava a nossa produção, as nossas roças, se um determinado local que não tava servindo você ia pra uma outra região, um outro local porque a gente tinha uma boa relação com o próximo que tava lá. Você saía dois, três, cinco, seis quilômetros de distância e ia trabalhar com seu parceiro, enquanto aqui tava se recuperando. Então não só reduziu a produção, mas você reduz o espaço de produção, uma coisa é você reduzir a área que você produz, outra é reduzir o espaço que você produz. Cai porque antes não tinha praga. Você não produz produto de rama hoje, tá sendo inviável a nossa produção, porque se a nossa propriedade tá a um quilômetro da lavoura, todos os insetos que recebem o veneno da lavoura, a tendência deles é ir pra dentro das nossas roças e lá nas nossas roças não tem como nós combater ele. Você nunca via a mandioca morrer, hoje você já vê algumas lavouras com roças de mandioca morrendo. A sua produção começa secando o olho, então isso é sequência do impacto dos químicos deles pra a nossas roças. Eu não sei bem se é o roundap, mais tem outros tipos que eles usam de combate a praga que termina a atingir as pequenas, as nossas propriedades. Nós não usa combate de praga, então é fácil a praga sair de lá, e vim pra roça do pequeno.

João Bandeira

“ O gado dava, mas depois a gente foi trabalhando mesmo só pra comer, porque já não tava dando mais o produto que a gente vendia e aí a gente foi trabalhando mesmo só pra comer. O gado diminuiu quando chegou essas derrubadas pra cá. Muitos foi que eles amedrontava, mas eles falaram até de tocar fogo na casa. O primeiro fazendeiro que comprou isso aqui era um tal de Rezende, foi em oitenta e quatro. Eu não sei de quem foi que ele comprou, que aqui lotearam essas terras tudim de avião. O prefeito daí era um senhor de Nermiso, foi ele quem loteou mais aquele outro, Quezada, foi eles que lotearam essas terras e venderam. Disse que a terra era tudo voluntária, não morava ninguém, foram comprando os lotes e aí foram chegando, e aí queria empurrar aqueles que tinha a casca mais frouxa, nós nunca saímos. Foi chamado na justiça, nós fomos e aí os outros provaram que nós nascemos e se criamos aqui, aí também não mexeram mais. Era Goiatins, ainda não era município de Campos Lindos, eles falou que se ele não saísse eles botava fogo na casa, aí eu digo você é quem sabe se pode botar fogo, e ele também só fez bater o pé, nunca botou. Veio bem uns três pistoleiros, o primeiro nós não soubemos não, depois que ele foi embora, e outros que chegava e contava mesmo que era pistoleiro, e que tinha vindo tirar nós aqui. O Rezende ainda veio me ameaçar, mostrar arma bem aí, nesse eu digo, eu não tenho medo disso não, que eu também tenho, não dessas aí, mais tenho a arma em casa também do jeitinho da sua, só ficou batendo o pé, que ele nunca avançou em mim, de jeito nenhum e ainda hoje tô aqui.

José Marcelo Brito



Lavouras de milho, verde e seco, no território invadido

“ Tem os venenos que prejudica a gente, que corre tudo para dentro do rio, as águas estão todas poluídas por causa dos venenos. As águas do Manoel Alves mesmo, está toda poluída por causa dos venenos das lavouras. As pestes vem todas para as nossas pequenas produções, tudo que se planta as peste vem, por que o pequeno não tem condições de fazer o manejo dos venenos como eles fazem. Estamos tendo um monte de praga que nunca tivemos antes, principalmente a tal de mosca branca. Tudo que se planta elas devoram, agora no mês de abril elas acabaram com o feijão. Eles pulverizam muito essas áreas, caso de peixes mortos em pequenos riachos já foi encontrado próximo as lavouras. Ultimamente a água do rio Manoel Alves tem diminuído bastante, por que as terras são tudo gradeada, e ela fica com mais facilidade da enxurrada carregar, aí leva tudo para dentro dos riachos, ai não tem jeito, às aguas diminuem. O Manoel Alves mesmo diminuiu, desapareceu um monte de espécies de peixes, que antes a gente via no rio e hoje é mais difícil. Já os animais do mato também diminuíram, por que diminuiu o espaço para ele e a perseguição ficou maior, antes o campo era maior dava para eles se protegerem, quanto mais o espaço é pequeno, maior é a perseguição então eles vão mudando.

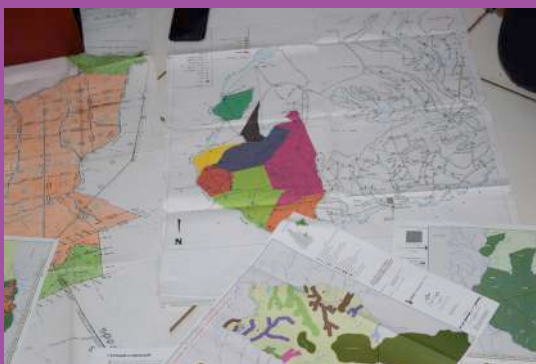
Everaldo Aquino Noletto

“ A nossa escola ela fica no povoado Sitio distante de 42 a 45 km de Campos Lindos. Eu trabalho de 4º ao 5º ano, mas aqui funciona de 1º ao 9º ano. Temos quarenta e sete alunos matriculados, mas caiu muito o número de aluno, já tivemos, mais de setenta alunos matriculados. Eu percebi esses dias, junto com os alunos dos turnos vespertinos, que estamos respirando o veneno das grandes lavouras da Serra do Centro. E incomoda até na escola, tem criança que passa mal, assim como os professores, sem falar que quando chove a água carrega o veneno para os rios.

Irene Sousa Barbosa

“ Foi dois processos o primeiro aí na fase dos anos noventa a noventa e cinco. Agora começou a segunda etapa em dois mil e quatro, porque as fazendas quiseram impedir que algumas pessoas trabalhassem aí, porque já tavam com a ideia de pedir essa área pra ser legalizada como área de reserva pra eles. Em dois mil e quatro os proprietários do lote vinte e nove começou mover uma ação judicial contra seis famílias. Aí eles usaram a estratégia de estabelecer as intimações pra todos aqueles que encontravam dentro dessa área verde, ribeirinha. A ordem de reintegração de posse então aumentou o conflito, em dois mil e quatro, dois mil e cinco foi quando eles começaram a intimidar todo mundo. A Planalto colocou que todo mundo era invasor, aí foi aberto um inquérito no Ministério Público Federal. Aí a gente conseguiu provar com o estudo antropológico, teve três momentos de estudo, um primeiro um laudo sintético, do antropólogo Marcio, depois veio um outro laudo sócio ambiental com o agrônomo Wilson, e depois veio o último estudo antropológico que considerou realmente a nossa tradicionalidade.

João Bandeira



Elaboração de mapa na Serra do Centro

“ Eles fizeram o CAR de toda essa área, bem nesses títulos aqui tem o CAR de algumas propriedades pequenas, foi feito e saiu com conflito, porque a Planalto fez um CAR em cima. O que obrigou nós a assinar o TAC foi o termo de reintegração de posse, nós só tinha dois caminhos, ou nós assinava esse TAC pra assegurar a maioria ou eles executava. O acordo, o que ficou lá era que nós poderíamos morar permanentemente sem tempo determinado, mas não tá no acordo do MPF dizendo que limite é nosso. Até onde nós podemos ir ficou uma coisa meia solta, que nos gera um impasse. É não fica claro que ali é um território nosso, fica claro que tamo fazendo um acordo que aquilo é uma área de reserva do projeto, que nós tem o direito de permanecer vivendo dentro. Eu sou leigo nisso, mas eu tenho a minha preocupação que o conflito não se encerra por aí, termina nós ficando como agregado, agregado com limitação.

João Bandeira

Mirante

Região da comunidade Mirante

“ A terra desses moradores aqui tudo era da barra do rio bonito a barra do rio vermelho, a cabeceira dos dois rios. Hoje em dias só temos bem aí, desses colchetes que vocês passaram, onde tem umas maiadinhos que tem um gado dentro. Todo mundo chegou dizendo que era dono, e invadiram, e o direito de quem nasceu e se criou aqui acabou. Aqui ninguém vendeu um palmo de terra. O povo de fora que vão chegando e invadindo dizendo que é deles e vendendo para outros e assim vai indo.

O meu pai mesmo, tinha meio mundo de terra por aqui, o pedaço que existe que era dele é esse cantinho que estou morando aqui. Todo mundo diz que é dono, mas ele morreu e não vendeu para ninguém e assim vão invadindo e nós vamos ficando tudo oprimido aqui. E os grileiros ainda diz que não temos posse de terra aqui, quem nasceu e se criou aqui não tem direito e quem não nasceu tem. Tem, por que tem mais de sessenta anos que eu casei, e quando eu era menina já estava sendo invadido.

Aí tem invasão de gente para todo lado, essa área de terra aqui era do bisavô desse marido meu, e o que sobrou foi isso aqui, mas de vez em quando deve chegar um dizendo que é dele, e que vamos sair daqui, que vai fazer despejo, tal dia, e assim que eles levam a gente.

Santina Queiroz Teixeira



Dona Francinete Rodrigues da Silva e a filha
Andreia



Seu Edivan dos Santos Teixeira



Filhos e filhas de Dona Francinete e
Seu Edivan



Elaboração de mapa no Mirante

“ Só que já teve um conflito com nós aqui, que disse que era para ter ordem de despejo, mas corremos daqui, corremos d’aculá, andamos por Campus Lindos, pedindo força. Aí o conflito veio, só não atravessou para nos perturbar por que fizemos a nossa defesa, e de lá mesmo eles voltaram para trás, até hoje estamos sempre fazendo nossas defesas. Nós aqui só e com a Warre mesmo. O Biu, era o corretor deles. O Biu correu, pegou os agrimensores que ele mandou e jogou em cima, quando pensamos que não, estava cheia de agrimensor aqui nessa área nossa, toda já medindo para acabar de fechar, só não fechou por que tinha que descer por a água do rio para fechar o ponto. Soubemos que eles estavam aí, corremos lá e dizemos “rapaz nós estamos aqui, e moramos todo mundo aqui nessa área, e você não chegou na casa de nenhum morador, toda casa você está desviando por fora, e nós sem saber que você estava dentro dessa área nossa, não queremos que você fica aqui dentro não”. Fomos mais de cem homens lá, juntamos os amigos, e nós não estamos para brigar, estamos aqui para você sair de cima dessa área, por que essa área aqui é nossa. Aí pegaram tudinho e despejou no Campus Lindos. O Biu ficou sabendo na estrada, largou a canoa e disse que ia ensinar esses otários, que meu milhão e meio eu ganho. Voltou para trás, tocaram fogo na caretinha com canoa e tudo, que derreteu na mesma hora, e os cabras já

estavam zangados e eram muitos, mais de cem pessoas aqui metida no negócio, o cabra não vai saber quem fez e quem não fez. Mexe e vira um dia o Biu chegou lá em campus lindos, ele chegou com a polícia, tudo enfardado, era mais de quarenta homens tudo armado, “e nós vamos chegar lá amanhã, e vamos medir e eu quero ver quem é que empata” ainda mandou dizer a hora. Aí foram lá de noite na ponte, queimaram ela todinha, a ponte que ele ia passar para poder medir. Essa firma é uma firma muito rica. Então fomos intimados, todas as quarentas famílias que moram aqui, então fomos ao juiz. Chegamos lá o dono da firma já estava lá, aí o juiz olhou para ele e perguntou “e aí cidadão o que que vamos fazer com esse pessoal”, aí ele disse “os que quiserem indenização eu irei indenizar, os que não, vão ficar em cima da área, por que eu não sabia que tinha um tanto desse”. O que o juiz disse pra nós e que compraram pé de pau por compra de pé de pequi, comprou uma área que já estava ocupada. Nascemos e nós criamos aqui e esse homem não sabia que já era ocupado, logo o dono de uma empresa? Quando vamos comprar uma coisa, precisamos ir ver ela primeiro. O juiz falou que antes que ele saísse, ele ia mandar fazer a perícia das terras, por que ele ia reconhecer, mas ele foi tirado antes de fazer, e até hoje nunca foi feito perícia e nem nada.

Valdir Queiroz Teixeira



Seu Valdir Queiroz Teixeira



**PROJETO
CONFLITOS SOCIAIS E
DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL NO
BRASIL CENTRAL**

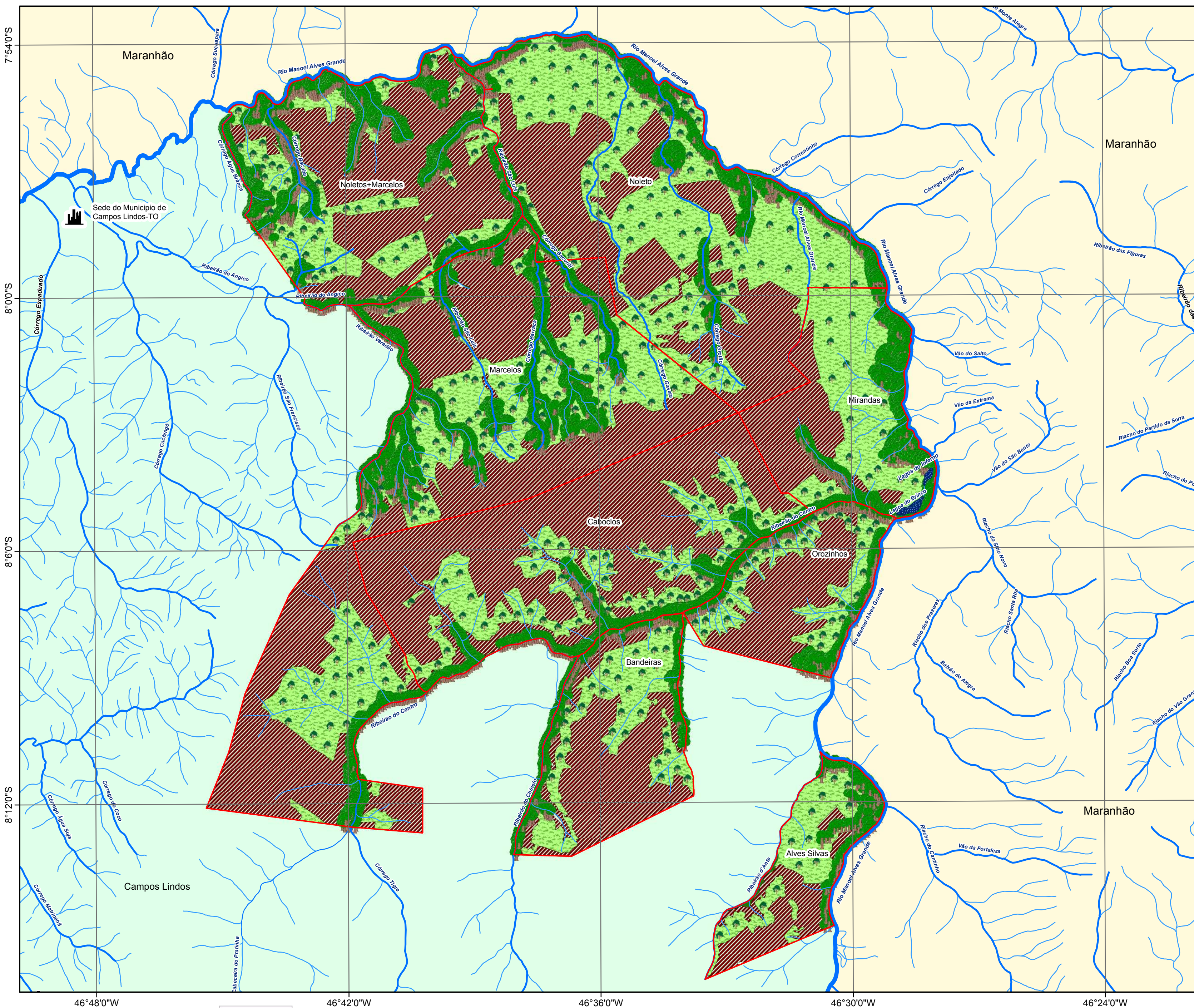
1. Fecho de Brejo Verde na Luta por nosso modo de Vida.
2. Luta e Resistência pelo Território.
3. Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Rio São Francisco.
4. Comunidade Tradicional Quilombola Família Lídia Batista do Sangradouro Grande.
5. A resistência das comunidades tradicionais de Campos Lindos em seus territórios: Serra do Centro e Mirante

Realização:

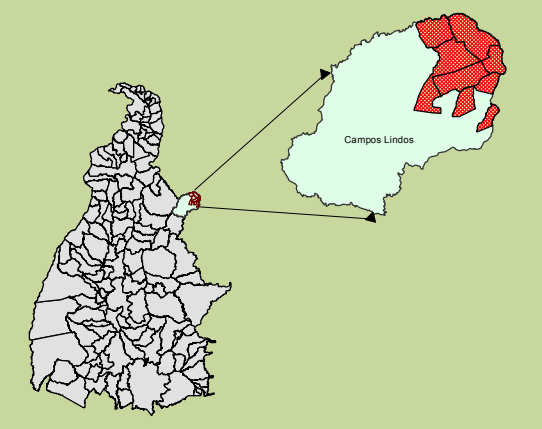
Apoio:



PNCSA



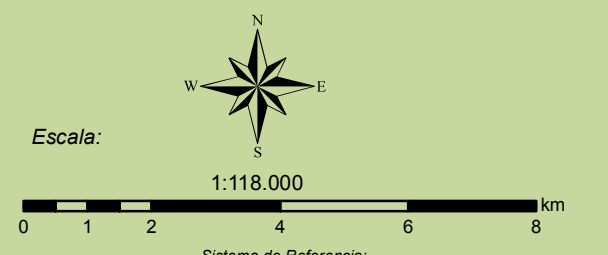
Mapa de Localização



Legenda

- Delimitação dos territórios das Comunidades Tradicionais
- ~ Hidrografia
- Lagoa
- 🏠 Sede do Município
- Áreas Invadidas pelos Grileiros, plantação de Grãos/Degradadas
- Áreas de Moradias, Roças e Refrigero das Comunidades Tradicionais/ Vegetação Densa
- Áreas de solta de gado e Extrativismo/ Cerrado Ralo
- Município de Campos Lindos
- Limite de Estado

Quadro de área dos lotes das Famílias Tradicionais		
Famílias	Áreas Aproximadas em (ha)	
Noletos		14400
Mirandas		5500
Orozinhos		4000
Alves Silvas		3000
Caboclos		11800
Marcelos		19500
Bandeiras		5300
Noletos + Marcelos		9800



Sistema de Referência: Sirgas 2000
 Sistema de Projeção: UTM Fuso 23 Meridiano Central -45
 Fontes: Croqui dos participantes das oficinas de mapas, Coordenadas coletadas com GPS de navegação, Base de dados SEPLAN 2012 e IBGE 2009

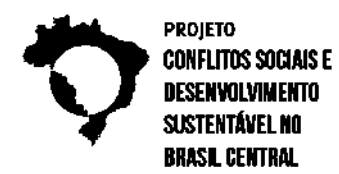
Nota: A definição da cobertura do solo dentro do território foi definida a partir da análise de Imagens do Sensor Landsat 8 referente a o ano de 2017, em composição colorida das bandas 6(vermelho), 5(verde) e 4(azul) resultado em resolução espacial de 15 metros composição realizada pela Secretaria do Planejamento e Orçamento (SEPLAN).

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZONIA

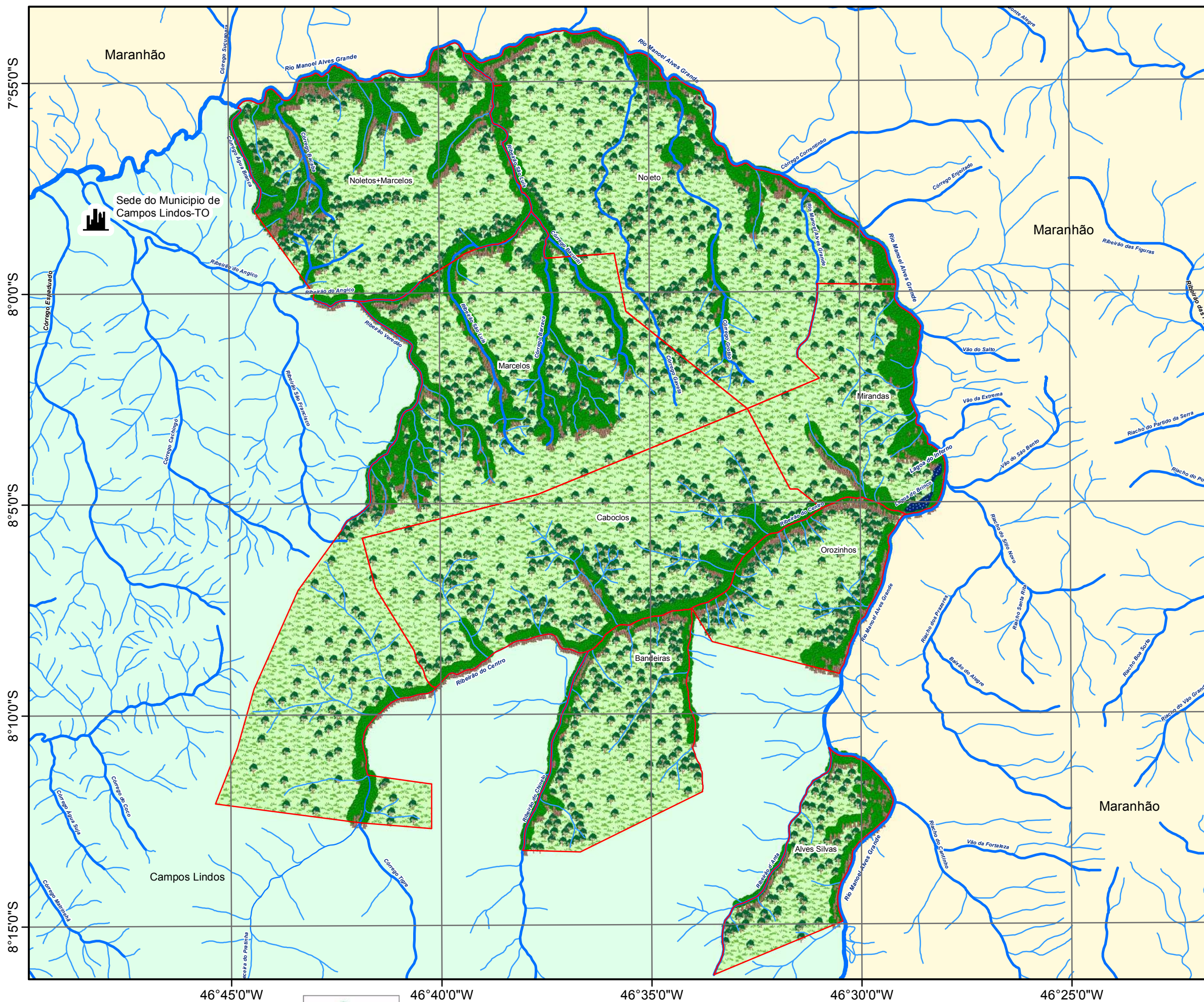
CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL NO BRASIL CENTRAL

Equipe de Pesquisa
 Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)
 Sílvio Isopo Porto
 Pedro Antônio Ribeiro (CPT)
 Rafael Oliveira (CPT)

Elaboração Cartográfica
 Alcindo Alves Patrício Castro (APA-TO)



TERRITÓRIO DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DA SERRA DO CENTRO-CAMPOS LINDOS



Mapa de Localização

Legenda

- Delimitação dos territórios das Comunidades Tradicionais
- Hidrografia
- Sede do Município de Campos Lindos-TO
- Lagoa
- Áreas de Moradias, Roças e Refrigero das Comunidades Tradicionais/ Vegetação Densa
- Áreas de solta de gado e Extrativismo/ Cerrado Ralo
- Município de Campos Lindos
- Limite do Estado

Escala:

Sistema de Referência: Sirgas 2000
Sistema de Projeção: UTM Fuso 23 Meridiano Central -45

Fontes

Croqui dos participantes das oficinas de mapas, Coordenadas coletadas com GPS de navegação, Base de dados SEPLAN 2012 e IBGE 2009, Imagens Landsat ano 1984 disponibilizadas pelo Google Earth Pro

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZONIA

CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL NO BRASIL CENTRAL

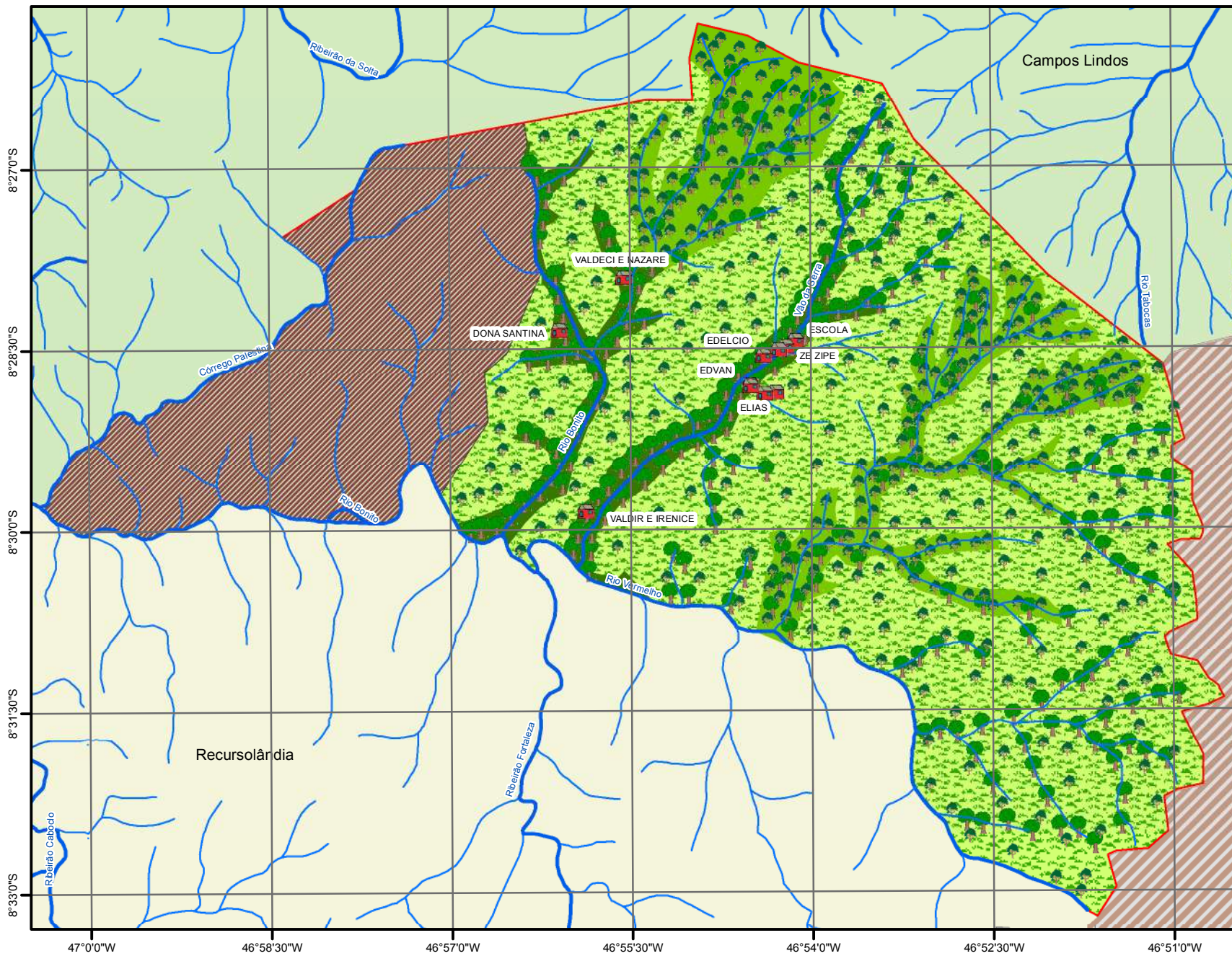
Equipe de Pesquisa

- Paulo Rogerio Gonçalves (APA-TO)
- Silvio Isopo Porto
- Pedro Antônio Ribeiro (CPT)
- Rafael Oliveira (CPT)

Elaboração Cartografica

Alcindo Alves Patricio Castro (APA-TO)

TERRITÓRIO DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DO MIRANTE - CAMPOS LINDOS



PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZONIA

CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTAVEL NO BRASIL CENTRAL

TERRITÓRIO DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DO MIRANTE - CAMPOS LINDOS

Equipe de Pesquisa

Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)
 Sílvio Isopo Porto
 Pedro Antônio Ribeiro (CPT)
 Rafael Oliveira (CPT)

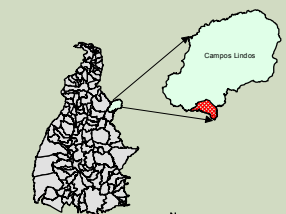
Elaboração Cartografica

Alcindo Alves Patricio Castro (APA-TO)

Legenda

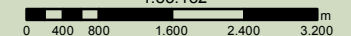
- Casas das Famílias Tradicionais e Escola
- Hidrografia
- Perimetro Território Tradicional Mirante
- Áreas destinadas a Roças
- Áreas destinadas para Refrigeros e Roças
- Áreas Vendida e Grilada
- Área destinada a Solta de Gado
- Plantação de Grãos na divisa do estado do Maranhão/nascentes dos Rios do Território
- Limite do Município de Campos Lindos
- Limite do Município de Recursolândia
- Limites de Estado

Mapa de Localização



Escala:

1:83.182



Sistema de Referência:
 Sirgas 2000

Sistema de Projeção:
 UTM Fuso 23 Meridiano Central -45

Fontes

Croqui dos participantes das oficinas de mapas,
 Coordenadas coletadas com GPS de navegação,
 Base de dados SEPLAN 2012 e IBGE 2009

